

Era uma vez:

O relato de uma experiência de autoria na educação infantil

Carolina Silva Gomes de Sousa

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo refletir sobre o lugar que ocupa o letramento na Educação Infantil e sobre como a Literatura, os livros literários e seus elementos podem fazer parte da vida cotidiana das crianças de forma significativa. O relato apresentado narra uma experiência surgida de forma espontânea em uma turma de crianças de cinco anos de uma escola pública federal situada no município do Rio de Janeiro. As crianças da turma em questão tinham uma relação muito próxima com livros literários, de forma que eles não eram impostos como tarefas a serem cumpridas, nem tampouco “ensinadores” de conteúdos escolares ou morais. Com autonomia para manusear livros na escola e levar para casa, ouvir histórias não era apenas um momento a mais a ser cumprido e o objeto livro tinha significado real para elas. O relato traz a reflexão sobre um acontecimento no qual elas se afirmam com sua autoria e uso social da língua, dialogando com autoras como Carvalho, Corsino, Lajolo e Reyes.

Palavras-chave: Educação Infantil; Práticas de Leitura; Letramento

ABSTRACT: This work aims to discuss the place that literacy occupies in Early Childhood Education and how Literature, literary books and their elements can be a significant part of children's daily lives. The report presented narrates an experience that emerged spontaneously in a group of five-year-old children from a federal public school located in the city of Rio de Janeiro. The children in that class had a very close relationship with literary books, so that they were not imposed as tasks to be performed, nor were they “teachers” of scholar or moral content. With autonomy to handle books at school and take them home, listening to stories was not just another moment to be fulfilled and the book object had real meaning for them. The report reflects on an event in which they assert themselves with their authorship and social use of language, dialoguing with authors such as Carvalho, Corsino, Lajolo and Reyes

Keywords: Early Childhood Education; Reading practices; Literacy

NOTAS INTRODUTÓRIAS

A literatura é essa ferramenta: literatura não se faz com boas intenções, não tem compromissos com modismos, não é para dar lições de vida, e muito menos para reforçar conteúdos escolares. Literatura é linguagem. (LAJOLO, 2012, p.9)

No texto de apresentação do livro de Yolanda Reyes, *Ler e brincar, tecer e cantar: Literatura, escrita e educação*, Marisa Lajolo dialoga com a autora sobre o mundo da linguagem. Segundo Lajolo (2012, p.8-9), Reyes entende o mundo da linguagem “como uma pele que nos reveste, a morada que habitamos, pela qual percebemos o mundo que nos rodeia, pela qual lhe atribuímos sentidos, nos expressamos e os colocamos nele”.

A literatura habita o mundo da linguagem. O mesmo mundo onde nós estamos, onde vivemos. Vivemos a linguagem todo o tempo, mas, não raramente, parece que a escola a separa da vida, separa de nós, nos afasta. A linguagem, muitas vezes, é tratada, na escola, como uma formalidade que precisa ser aprendida de forma fixa, descolada da realidade das crianças, ignorando experiência, gostos, preferências, vivências. Resumindo-se a cópias, repetições, frases curtas, letras para cobrir e sílabas para juntar. Assim, a linguagem vira um mundo à parte, um mundo descontextualizado, algo desinteressante para as crianças. E é este mundo que a escola quer usar para atrair as crianças.

A literatura também parece ser afastada do cotidiano, dos momentos prazerosos, dos assuntos que interessam às crianças. É como se, na escola, a Literatura não fosse mais do que um instrumento para ensinar algo. Um livro pode ser lido para ensinar as partes do corpo humano, outro livro serviria para ensinar valores morais, outro ainda, com frases curtas e rimadas, sem muita preocupação com enredo ou ilustrações, serviria para ensinar as vogais. Não nego que a Literatura, os livros, fazem parte do processo de aprendizagem. Mas será que é este o único papel da Literatura? Estaria a Literatura presente na escola apenas como acessório? E seria essa a melhor forma de aproveitá-la?

Ainda assim, mesmo sendo encarada muitas vezes como mero utensílio descontextualizado, a escola quer que as crianças leiam, que a literatura faça parte de suas vidas e que elas sejam capazes de fazer uso da língua das mais variadas formas, nos mais variados contextos. Mesmo quando a escola descontextualiza, parece exigir que a criança faça uso da língua de forma contextualizada.

LETRAMENTO E LITERATURA, NA ESCOLA, CAMINHAM JUNTOS OU SEPARADOS?

A condição letrada de um sujeito relaciona-se à sua participação em práticas discursivas orais e escritas que circulam nas esferas sociais onde estabelece suas relações (vida doméstica, espaço urbano, escola, entre outros). O conceito permite a inclusão de práticas orais uma vez que oralidade e escrita se afetam mutuamente. (CORRINO, 2014, p. 124)

A escola quer crianças letradas, crianças que gostem de ler. A escola quer crianças que consumam Literatura, mas como? Se não relaciona a língua às práticas sociais da mesma, se trata a leitura e a escrita como simples tarefas a serem cumpridas, sem razão, se os livros literários não passam de acessórios, como cobrar um resultado que não seja crianças entediadas, que não gostam de ler e entendam a literatura como uma tarefa chata?

Para Corsino (2014, p.124), “o processo de letramento está relacionado às trocas e interações verbais que ocorrem no seio da cultura escrita e implica em apropriações e produções de diferentes gêneros discursivos, principalmente secundários”. Alguém é considerado letrado de acordo com suas práticas sociais com a escrita, não apenas por ter desenvolvido as habilidades de ler e escrever. Mas a Educação Infantil, ainda mais que o Ensino Fundamental, muitas vezes não é considerada parte deste cenário, exatamente por não ser uma etapa na qual as crianças estejam alfabetizadas formalmente. Muitas vezes os livros que são disponibilizados para esta etapa da Educação Básica nada mais são do que livros brinquedos ou edições formadas por histórias moralizantes e de conteúdo empobrecido, subestimando a capacidade das crianças e a importância da Literatura para esta faixa etária. Outras vezes os livros literários existem, mas não são disponibilizados para as crianças, seja por medo que elas os estraguem, ou mesmo por entender que elas não teriam ca-

pacidade de compreensão, por achar desnecessário, cedo demais. Seguindo tal raciocínio, os livros literários só seriam oferecidos às crianças pequenas depois de alfabetizadas, certo? Mas, sem manipular livros literários, sem conviver com eles, que tipo de alfabetização seria? Que tipo de leitores estariam se formando? E mais, que relação com a Literatura a criança teria assim? As crianças não irão, instantaneamente, desenvolver o gosto, a intimidade com a Literatura, apenas no momento em que forem capazes de ler e escrever frases completas.

A formação de leitores implica oferecer condições ao sujeito para circular com autonomia pelas leituras, compreendendo a função social dos textos, entendendo-os e formando uma opinião a partir daquilo que lê. Estamos falando da formação de leitores críticos, que têm acesso aos textos e selecionam informações, conseguem avaliar o que é pertinente nas diferentes fontes, um leitor que estabelece relações entre aquilo que lê, confronta dados e tira suas conclusões. Acreditamos que esse leitor se torna apto a expressar suas opiniões, argumentando seus pontos de vista. (CARVALHO & BOROUKH, 2018, p.14)

Corroborando com tal visão sobre a formação de leitores, entendo ser necessário disponibilizar uma diversidade grande de textos para as crianças, sejam listas, receitas, bilhetes, livros informativos e literatura, muitos livros literários cuidadosamente escolhidos, levando em conta não apenas a quantidade, mas a qualidade. É importante que existam muitos momentos de leitura e escrita significativa com as crianças, sem forçá-las a escrever, cobrir ou copiar nada.

É importante que as crianças possam conhecer os livros e seus elementos. Todas nossas ações precisam ser baseadas em fazer uso da língua de formas significativas.

É importante que as crianças possam conhecer os livros e seus elementos. Todas nossas ações precisam ser baseadas em fazer uso da língua de formas significativas.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

No relato a seguir, apresento uma experiência vivenciada em uma turma de crianças da Educação Infantil que mostra um pouco desse convívio com uso significativo da Literatura, leitura e escrita. A turma em questão era composta por crianças na faixa etária de 5 anos, de uma escola pública, parte da rede federal de instituições de ensino. A escola está localizada em um bairro da zona oeste do município do Rio de Janeiro, mas recebe crianças de vários outros bairros e até de outros municípios.

Joana ¹, uma menina de 5 anos, era parte da turma em questão e estava sempre a circular pelos grupos de crianças da mesma. Parecia querer ser amiga de todas as crianças e gostar não apenas de brincar com elas, mas também de resolver seus conflitos. Ela sempre tinha uma solução – ainda que esta estivesse diretamente ligada à condição de fazer as crianças seguirem o que ela havia

decidido como certo – ou uma ideia para resolver questões que permeavam o cotidiano do grupo. Como boa observadora que é, sempre esteve atenta às habilidades e preferências das crianças e não raro fazia uso desse conhecimento para resolver a questão da ocasião. Ela é uma criança que gosta muito de livros e que, nos momentos em que as professoras contavam histórias, ouvia com atenção e gostava muito de tecer comentários sobre tudo.

Na escola em questão, é um costume das professoras, ao apresentar um livro às crianças, não apenas ler a história, mas compartilhar informações mais completas, como autor(a), ilustrador(a), tradutor(a), editora. Também é comum explorar as ilustrações e os mais diversos detalhes dos livros, sempre conversando sobre as funções das mesmas e mostrando um pouco da importância dos elementos mais diversos para a produção de um livro. Algumas vezes pude presenciar crianças questionando se um livro havia sido ilustrado por uma ilustradora específica, elas começavam a reconhecer os traços da artista e queriam confirmar. Também já era possível que as crianças percebessem quais editoras eram responsáveis pelas publicações que mais gostavam ou

quais editoras estavam mais presentes nos livros da sala de suas turmas.

Nos dias em que a turma era convidada a escolher um livro para levar para casa, Joana se mostrava animada e, algumas vezes, chegava ansiosa para levar algum já previamente pensado. A biblioteca da escola também era um espaço bastante aproveitado por ela, frequentemente a criança estava lá, escolhendo títulos para pegar emprestado. A biblioteca é um espaço aberto às crianças e suas famílias e elas são convidadas a conhecer o acervo e sua organização. Os livros estão ao alcance das crianças e existem etiquetas ilustradas nas prateleiras para facilitar o reconhecimento da categorização das histórias. São livros com histórias de bruxas, de famílias, de animais, de terror etc. Lá as crianças podem escolher os livros que desejam, manusear em um espaço aconchegante ou levar para casa emprestado. Toda essa experiência vivida pelas crianças é importante na construção de sua relação com os livros, com a leitura e com a Literatura. Assim como diz Yolanda Reyes (2010), “a criança passa a valorizar os livros e faz comparações entre eles e segue adquirindo ferramentas cada vez mais pessoais para saber quais os que respondem a seus interesses do momento”.

Considerando este contexto, não foi surpresa alguma, quando Joana demonstrou vontade de escrever seu próprio livro. Mostrava-se criativa e era eloquente em suas falas, desenvolvendo seu discurso de forma clara e detalhada, argumentando bastante para expor suas opiniões. Assim, quando Joana pensou em escrever um livro,

a criação da história não seria um problema. Com sua criatividade, o enredo logo estaria pronto. Mas como escrever um livro sem saber ler e escrever formalmente?

Usando de sua habilidade para resolver situações problemáticas, rapidamente pensou em convidar duas amigas da turma para participarem do desenvolvimento do projeto com ela: Alice e Carla. Elas não eram suas amigas mais próximas, contudo, ela tinha uma boa relação com todas as crianças da turma. Além disso, todas as crianças sabiam que Alice já sabia ler e escrever formalmente e Carla era vista pela turma como alguém que desenhava maravilhosamente bem. Joana propôs ditar o texto do enredo para que Alice escrevesse. Carla participaria do projeto ilustrando a história contada por ela. Com o aceite das duas crianças, estava formada a equipe autora do livro que, posteriormente, recebeu o título de *Era uma vez*.

As crianças estavam gostando tanto do projeto, que se reuniam para produção do livro em momentos de brincadeira livre da turma por alguns dias. Nessas ocasiões, as crianças sentavam-se à mesa, Joana ditava as frases para Alice escrever e Carla ilustrava o que havia sido escrito. Em algum momento Joana demonstrou desconforto de estar “apenas” ditando as frases e pediu ajuda para escrever. Nesse momento, recorreu a mim, professora da turma, que sentei a seu lado e me dispus a auxiliar na escrita. De início, a criança pediu para que eu ditasse as letras necessárias para formar as frases criadas por ela e assim eu fiz. Contudo,

depois de um tempo, propus que ela repetisse as palavras em voz alta comigo, pensasse um pouco nos sons das letras e fizesse algumas relações, da mesma forma que costumávamos fazer com a turma cotidianamente - brincando com as fichas de atividades do planejamento diário ou com as fichas de nomes, quando conferimos quem estava presente no dia – e assim Joana fez. Após um tempo tentando, ela conseguiu escrever algumas frases e ficou satisfeita, orgulhosa de sua conquista, posso dizer. Ainda assim, devolveu a tarefa da escrita da história para Alice e, com as ilustrações de Carla, completaram a primeira etapa do projeto. Na imagem 01 é possível vê-las em uma das etapas da produção do livro. No momento em questão, as crianças estão registrando suas funções na obra.



Imagem 01: Joana, Carla e Alice em uma das etapas de produção do livro “Era uma vez”
Fonte: acervo pessoal da autora

Em seguida, as crianças começaram a trabalhar nas informações do livro. Como na escola, ao acompanharem a leitura de livros, estavam acostumadas a ouvir informações que iam além do título da obra, também queriam que assim acontecesse em seu livro. Ele precisava ter título, menção aos nomes de autora, ilustradora e editora. Joana se declarou autora (segundo a criança, ela que inventou a história, Alice só escreveu o que ela disse) e Carla, ilustradora. Mas e Alice, como seu trabalho - que foi tão importante - apareceria? Após algumas conversas sobre o que cada uma fez e que nome poderia ser dado a cada função, chegamos à conclusão que Alice foi a escriba. Para nomear a editora foi mais complexo, eram muitas ideias. Depois de algum tempo de conversa e consulta de opiniões de outras crianças, acabaram ficando com dois nomes: Editora Princesa e Editora Trevo. Não conseguindo decidir por um apenas, permaneceram com os dois. Neste momento não achei que importava tanto insistir que o livro só poderia ter uma editora, deixei que fossem duas e logo foi registrado por elas. Naquele momento o projeto poderia ser considerado terminado, certo? Que bom que não foi assim. Na imagem 02 é possível visualizar a capa do livro feita pelas crianças. Em outra página do livro elas registraram seus nomes e suas respectivas funções – autora, ilustradora e escriba. Ainda que não seja exatamente assim nos livros editados e publicados por editoras reais, a página do registro de funções ficou ao final da obra. Assim como não as pressionei para escolher apenas uma editora, não insisti para que a

O livro das meninas ficou disponível junto aos outros livros da turma e, como eles, estava sempre ao alcance das crianças. Joana, Alice e Carla mostravam-se bastante orgulhosas de seu trabalho e, não apenas queriam ler seu livro, mas também mostrar para outras crianças.

autoria aparecesse na capa do livro, por entender que não era algo tão importante na ocasião.

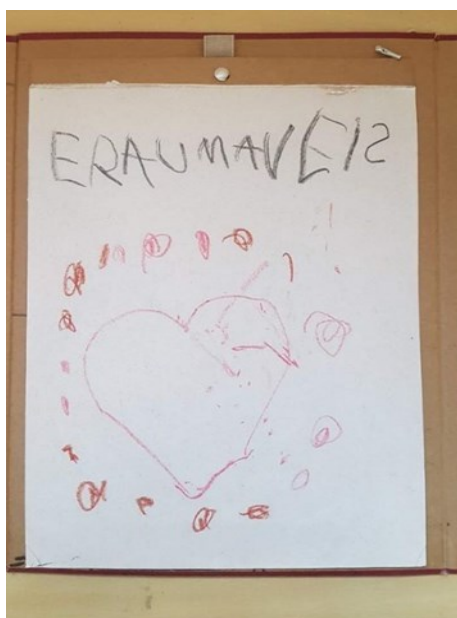


Imagem 02: Capa do livro “Era uma vez”
Fonte: acervo pessoal da autora

O livro das meninas ficou disponível junto aos outros livros da turma e, como eles, estava sempre ao alcance das crianças. Joana, Alice e Carla mostravam-se bastante orgulhosas de seu trabalho e, não apenas queriam ler seu livro, mas também mostrar para outras crianças. Logo, algumas outras crianças demonstraram interesse em criar suas próprias histórias, seus próprios livros.

Como já foi mencionado, em nossas conversas, leituras e escolhas de livros, sempre falávamos sobre autores(as), ilustradores(as) e editoras, de forma que as crianças já eram capazes de reconhecer o traço nas ilustrações. Elas arriscavam não apenas o nome de quem havia ilustrado, como também procuravam, na capa dos livros, os nomes de quem escreveu e qual era a editora responsável. Não demorou para perguntarem o que era uma editora, o que uma editora fazia, se era uma pessoa e até se a “Ediouro”² era uma editora bem rica. Levando em conta todas essas curiosidades das crianças, a auxiliar de biblioteca da escola entrou em contato com uma conhecida que trabalhava em uma editora e a mesma aceitou o convite para ir até a escola conversar com as crianças. No dia marcado, além de falar um pouco sobre seu trabalho e o que uma editora fazia, ela respondeu diversas perguntas que as crianças fizeram na hora. Neste momento, Joana, que estava ansiosa, sentada, com seu livro em mãos, perguntou se poderia mostrá-lo. A conversa foi muito valiosa, além de divertida. Joana, Alice e Carla ficaram bastante satisfeitas em ver seu livro nas mãos de alguém que entendia tanto de livros e de ser elogiado por ela. Na

imagem 03, é possível conferir Joana compartilhando sua obra, orgulhosa do resultado final de seu trabalho.



Imagem 03: Joana compartilhando sua obra.
Fonte: acervo pessoal da autora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final – se é que o final existe, o bom mesmo é que a história não terminou tão rápido. O livro passou a circular pela turma, as crianças mostraram para outras crianças e adultos que frequentavam a escola e, ao final do ano, cada participante do projeto levou uma cópia do livro para casa. Todavia, mais importante que ter um produto final – uma cópia de um livro escrito e ilustrado por elas – foi o processo percorrido por cada uma das crianças. Elas não apenas criaram, escreveram e ilustraram uma história, elas se utilizaram de seu conhecimento, de suas experiências, suas vivências, para experimentar a leitura e a escrita de forma significativa. Elas vivenciaram e compreenderam muito mais sobre leitura e escrita neste processo, do que aprenderiam se estivessem apenas cobrindo letras e copiando palavras sem significado real em suas vidas.

A Literatura tem um papel imprescindível na escola, inclusive na Educação Infantil. Mas é essencial destacar que sua importância não pode ser encarada apenas

como utilitarista. Os livros não devem ser usados apenas com o intuito de ensinar algo, o que não significa que as crianças não aprendam muito com eles. O processo de letramento está relacionado às trocas e interações verbais que ocorrem no seio da cultura escrita e implica em apropriações e produções de diferentes gêneros discursivos, principalmente secundários.

Progressivamente as crianças vão ampliando as suas esferas sociais e vão tendo a oportunidade de conhecer e de se apropriar de diferentes gêneros que circulam em cada uma delas. Crianças de meios considerados letrados, além da comunicação oral espontânea com integrantes do seu grupo apresentar uma fala que se aproxima do dialeto padrão e da norma culta típicas do mundo letrado, participam de eventos de letramento, como ouvir histórias e comentar uma notícia, que as incitam a fazer interpretações e verbalizações. Estes eventos as inserem desde bem pequenas no mundo letrado. Fato que não ocorre com as crianças dos meios pouco letrados cujos gêneros discursivos primários estejam carregados de expressões e estruturas próprias de cada grupo e cujos eventos de letramento são escassos. (CORSINO, 2014, p.124-125)

A leitura é importante na vida de todas e todos, mas não precisa ser encarada apenas como instrumento, obrigação ou mesmo como uma necessidade pura e simples. E, se a escola é um dos principais espaços onde a leitura está presente, onde muitos de seus conceitos são introduzidos e compartilhados com as crianças, por que fazer deste momento difícil e incômodo? A leitura é uma prática social necessária, útil,

SOUSA, C. S. G. de

mas será que, por isso, precisa ser chata, penosa e dura? “No fundo, os livros são isto: conversas sobre a vida”. (REYES, 2012, p.29) Penso que Joana e sua turma estão aprendendo a conversar.

em Educação da Universidade Federal Fluminense, doutoranda no mesmo programa e pedagoga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Participa do Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância (GRUPEGI) e é professora de Educação Infantil no Colégio Pedro II.

NOTAS

1. Os nomes das crianças neste relato foram trocados para preservar suas identidades.
2. Nome de uma editora brasileira que publica livros direcionados ao público adulto e infantojuvenil.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, A. ; BAROUKH, J. A. **Ler antes de saber ler: Oito mitos escolares sobre a leitura literária**. 1. ed. São Paulo: Panda Books, 2018.

CORSINO, P. Literatura na pré-escola: Entre propósitos e despropósitos. In: CORSINO, Patricia. **Travessias da Literatura na escola**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014. p. 123-136.

LAJOLO, M. A literatura no reino da linguagem. In: REYES, Y. **Ler e brincar, tecer e cantar: Literatura, escrita e educação**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012. p. 6-13.,

REYES, Y. O lugar da literatura na educação. In: REYES, Y. **Ler e brincar, tecer e cantar: Literatura, escrita e educação**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012. p. 16-29.

REYES, Y. Às portas da escola: ler com o eu já se sabe?. In: REYES, Yolanda. **A casa imaginária: Leitura e literatura na primeira infância**. São Paulo: Global, 2010. p. 71-92.

SOBRE A AUTORA:

Carolina Silva Gomes de Sousa é mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação